



IMAGENS (E REPRESENTAÇÕES) ESCRITAS DE UMA VIAGEM: A SENSIBILIDADE NO OLHAR DE LYGIA FAGUNDES TELLES EM “PASSAPORTE PARA CHINA”

WRITTEN IMAGES (AND REPRESENTATIONS) OF A JOURNEY: THE SENSIBILITY IN LYGIA
FAGUNDES TELLES’S GAZE IN “PASSPORT TO CHINA”

MÁRCIO ADRIANO MORAES

Graduado em Letras Português (Unimontes), Artes Visuais (Claretiano) e Filosofia (Uniassevi); Especialista em Leitura e produção textual (Faculdades Santo Agostinho) e História, sociedade e cultura (Unimontes); Mestre em Letras: estudos literários (Unimontes). Membro da Academia Brasileira de Sonetistas, Academia Montes-Clarense de Letras, Academia de Letras Ciências e Artes do São Francisco, Academia Internacional da União Cultural do Rio de Janeiro, Membro Correspondente da Academia Rotary de Letras, Artes e Cultura de Taubaté e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros.

RESUMO

O ensaio examina *Passaporte para China*, de Lygia Fagundes Telles, como uma escrita de viagem que combina observação sensível e erudição literária. Convidada em 1960 para as comemorações do 11º aniversário da República Popular da China, a autora percorre vários lugares – da Europa à Ásia – registrando, em crônicas publicadas originalmente no jornal *Última Hora*, impressões do encontro entre culturas. Em contraste com estereótipos anteriores sobre o “mundo chinês”, Lygia revela uma China em transformação, marcada por mudanças sociais, especialmente na condição feminina, e por tensões políticas sob Mao Tsé-tung. O olhar da escritora é guiado tanto pela alteridade quanto pela memória de leituras: cada paisagem convoca intertextos da literatura brasileira e universal, mesclando experiência real e viagem imaginária. O livro resulta em um mosaico poético e crítico que propõe a leitura como passaporte para compreender o outro e repensar o próprio lugar no mundo.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; Passaporte para China; Viagem e Literatura; Alteridade; Intertextualidade.

ABSTRACT

The essay examines *Passaporte para China* by Lygia Fagundes Telles as a work of travel writing that blends sensitive observation with literary erudition. Invited in 1960 to the celebrations of the 11th anniversary of the People’s Republic of China, the author journeyed through various places – from Europe to Asia – recording in chronicles originally published in the newspaper *Última Hora* her impressions of encounters between cultures. In contrast to earlier stereotypes about the “Chinese world,” Lygia reveals a China in transformation, marked by social changes – especially regarding the condition of women – and by political tensions under Mao Zedong. The writer’s gaze is guided both by otherness and by the memory of her readings: each landscape summons intertexts from Brazilian and world literature, merging real experience with imaginative travel. The book thus emerges as a poetic and critical mosaic that presents reading itself as a passport for understanding the other and rethinking one’s own place in the world.

Keywords: Lygia Fagundes Telles; Passport to China; Travel and Literature; Otherness; Intertextuality.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 DO REGISTRO DE VIAGEM À CONSTRUÇÃO LITERÁRIA: O MUNDO REPRESENTADO E REINVENTADO POR LYGIA FAGUNDES TELLES; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *Passaporte para China*, de Lygia Fagundes Telles, nasce de uma experiência singular: a viagem que a autora realizou em 1960 como integrante da delegação brasileira convidada para as comemorações do 11º aniversário da República Popular da China. As crônicas, publicadas originalmente no jornal *Última Hora*, ultrapassam em muito o simples registro de impressões turísticas. Nelas, Lygia transforma o deslocamento geográfico em um exercício literário e reflexivo, em que a observação minuciosa do cotidiano, a crítica social e uma rica tessitura de referências culturais se entrelaçam de maneira orgânica.

Ao captar a China em pleno processo de transformação – marcada pelo avanço das reformas comunistas, pela mudança do papel feminino e pelo choque entre tradição e modernidade –, a escritora revela a agudeza de um olhar que combina curiosidade histórica e imaginação poética. Cada cena descrita evoca diálogos com a literatura brasileira e universal, tornando a viagem um espaço de encontro entre culturas, tempos e linguagens. Ao unir experiência concreta e memória de leituras, Lygia oferece ao leitor não apenas um testemunho histórico, mas uma verdadeira poética da viagem e do olhar, na qual geografia e literatura se fundem para iluminar, de modo crítico e sensível, as relações entre o “eu” e o “outro”, entre passado e presente.

1 DO REGISTRO DE VIAGEM À CONSTRUÇÃO LITERÁRIA: O MUNDO REPRESENTADO E REINVENTADO POR LYGIA FAGUNDES TELLES

“Os chineses não são nem superiores nem inferiores aos outros povos, são apenas diferentes” (Claude Farrère).

O mundo oriental é para os ocidentais um grande mar misterioso. Antonio Dimas (2011), no seu texto “Felina China” – posfácio do livro *Passaporte para China* –, discorre acerca da significação complexa do termo “chinês”. Desde Marco Polo, no século XIII, a China ainda é motivo de encantamento e assombro.

Na Literatura Brasileira, os chineses aparecem, por vezes, estereotipados. Antonio Dimas (2011), no mesmo texto, menciona as produções de Machado de Assis, Artur Azevedo, Olavo Bilac e João do Rio para os quais os chineses são sempre personagens pejorativas. Deste último autor,



destacamos a crônica “Visões d’ópio”, presente em seu livro *A alma encantadora das ruas* (1908). Nela, João do Rio descreve o Beco dos Ferreiros como uma das lóbregas bodegas de Xangai, um ambiente nauseabundo no qual os “chins” são tratados como porcos.

Porém, não é essa a visão dos chineses nas crônicas de Lygia Fagundes Telles em seu livro *Passaporte para China* (2011). A visão mórbida da Antiga China cede espaço para a Nova China de 1960, ano em que a autora faz sua excursão pelo gigante país milenar asiático. O chinês descrito pela escritora é marcado pela transição política. Um homem ainda misterioso, de cultura diferente diante de outros homens de costumes distintos. Uma China que convive com o antigo e o novo. Um país em pleno desenvolvimento, em plena transformação, sobretudo no que tange aos direitos femininos. Mulheres que antes eram apenas tratadas como bibelôs, agora adquirem dignidade (Telles, 2011).

Todavia, Antonio Dimas (2011, p. 84) nos alerta:

A intenção de Lygia – que isso fique bem claro! – não é inaugurar uma nova visão brasileira sobre a China. Longe disso! Mas ser um depoimento honesto e sensível, cuja vantagem pode ser resumida a três itens: o da oportunidade histórica, porque feita em cima da grande virada política; o da descontaminação ideológica, venha ela de que direção vier; o da sensibilidade do escritor atento e treinado para enxergar a minúcia, com humor explícito ou não, sem receio do murmúrio da recriminação sectária.

Lygia integrou a delegação brasileira, convidada para as festividades do 11º aniversário da República Popular da China em outubro de 1960. Além de Lygia, compondo a delegação estavam Peregrino Júnior (escritor), Raymundo de Magalhães Júnior (escritor), Helena Silveira (jornalista), Adão Pereira Nunes (escritor), Maria Della Costa (atriz) e Sandro Polônio (empresário).

Como num diário, Lygia escreveu suas impressões e expressões dos lugares que visitou até chegar à China. Diante de um mundo completamente diferente do seu, a autora registra, em escrita fluente, as cores do país de Mao Tsé-tung. Textos que foram datados e publicados naquela mesma época no jornal carioca *Última Hora*, a pedido de Samuel Wainer, jornalista que fundou esse periódico em 1951.

O gênero escolhido por Lygia foi, portanto, a crônica. Muito usada pela imprensa, a crônica ganha notoriedade na literatura do século XX. Apesar de seu nome estar associado ao mitológico *cronos*, do qual se extrai seu sentido etimológico (do grego *khronos* - tempo), relato de acontecimentos em ordem cronológica, a crônica nasce da concretude deste mundo, guardando



imagens de um momento, de um instante, para o historiador futuro. Ser cronista é atentar-se para os acontecimentos do dia a dia. E um dia pode ser *pluri*; o dia pode ser um mês, uma década, um século, uma era. O dia se faz a partir dos olhos do cronista, deste poeta do cotidiano. As reflexões sobre os fatos, que podem ser reais ou ficcionais, são propostas em um texto leve e subjetivo, jornalístico e literário, no qual se harmoniza o autor-mundo-leitor.

Segundo Afrânio Coutinho (2004), a crônica deixou de ter o caráter meramente informativo como ocorria com os cronistas viajantes, a exemplo de Pero Vaz de Caminha, e passou a ser

um gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. ‘Crônicas’ são pequenas produções em prosa, com essas características, aparecidas em jornais e revistas (Coutinho, 2004, p. 121).

Em sua nota ao leitor, Lygia nos confidencia uma conversa que teve com seu filho, o cineasta Goffredo da Silva Telles Neto, falecido em 2006. Após falar da paixão que sentem pelos seus trabalhos, a mãe revela ao filho o desejo em editar essas crônicas de viagens, publicadas na década de 1960 no jornal *Última Hora*. Fora convidada, juntamente com outros brasileiros, para prestigiar a festa de aniversário da China de Mao Tsé-tung. Explica que a delegação não era comunista. Poderia, sim, ter algum partidário, mas o próprio chefe da delegação era um escritor de direita. Lygia confidencia o seu posicionamento de esquerda, mas deixa em suspense a sua filiação. Acredita que talvez Jorge Amado, escritor baiano engajado no partido comunista, tivesse indicado os nomes para a viagem, “afinal, a tática devia ser essa, conquistar outras gentes...” (Telles, 2011, p. 9). O filho se surpreende com a decisão da mãe de publicar essas memórias. São textos datados que trariam a marca do tempo, não podendo ser alterados. Talvez alguma revisão linguística, mas respeitados em sua essência. Goffredo quis saber se tiveram a liberdade de ver o que quisessem. Como convidados do governo, só viram o que foi permitido ver. E isso bastou para que a delegação fosse seduzida. O cineasta pede à mãe que destaque isso no livro, pois não sabia que aquele governo se transformaria numa ditadura. E Lygia, então, lamentou não ser vidente, ainda que o poeta Arthur Rimbaud tenha dito que “todo escritor devia ser vidente” (Telles, 2011, p. 10). A jovem Lygia, porém, não teve esse dom.

De fato, a autora não poderia prever as consequências do plano do governo, *O Grande Salto Adiante*, implantado em 1958 por Mao Tsé-tung. O propósito desse plano era coletivizar a produção



agrária, industrial e mineral. Houve resistência, e a figura imperiosa e narcisista de Mao Tsé-tung agiu impiedosamente. O resultado foram milhares de mortes, muitas delas de fome, pois os alimentos eram confiscados pelo Estado. Não bastando esse cenário de horror, para combater seus adversários, o líder comunista lança em 1966 a chamada Revolução Cultural. A efervescência revolucionária de seu regime deveria suplantar quaisquer opositores. Sob as ações da Guarda Vermelha, intelectuais foram perseguidos, escolas fechadas, artefatos históricos destruídos. E acima de tudo isso, a preservação da ideologia maoísta e o culto à sua pessoa deveriam ser defendidos a qualquer custo. A “ditadura egocêntrica” de Mao Tsé-tung só chegaria ao fim com sua morte em 1976.

Voltando à obra *Passaporte para China*, a autora, então, nos mostra uma China ao gosto de seu líder. Quiçá, se tivesse visto as comunas agrícolas ou se sua viagem ocorresse no final da década de 1960, os seus olhos seriam manchados (Telles, 2011).

Nas palavras de Antonio Dimas (2011, p. 82), podemos sintetizar o que foi visto por Lygia nos dias de sua viagem:

Lygia viu o que sua sensibilidade aprimorada, mas marota, lhe concedeu. Lygia viu o que lhe ensinaram seus anos como estudante de Direito sob a ditadura de Vargas, temperados pelo convívio historicamente liberal da velha São Francisco. Lygia viu o que sentiu e a atraiu e não o que determina a educação política convencional. Sua China é, portanto, mais existencial e sensorial que política; mais de *experiência feita* que de antecipação retórica. A imaginação, portanto, que circunda e banha a experiência da sua viagem, entrecortada por intensas escalas culturais em Dacar, Paris, Praga, Moscou, Omsk e Irkutsk, retira a seiva do cinema e da literatura previamente digeridos, não da doutrinação de palanque estudantil.

Como se estivesse com uma máquina fotográfica nos olhos, Lygia vai registrando tudo o que vê: “guardo aquela esquina com a velha vendedora de flores”, “guardo o perfil de uma enorme árvore e guardo o perfil de uma estátua” (Telles, 2011, p. 20). As crônicas de Lygia são praticamente uma poética do olhar. A sua visão absorve sensibilidade no menor lance. Com seus olhos de objetiva, a imagem captada aciona uma teia imagética na autora. Então, sua memória é imediatamente acionada. Tudo o que vê é motivo para analogias, sejam elas reais, imaginárias, literárias e pessoais.

Ao deparar-se com um estrangeiro e ante as características peculiares deste, a autora busca na memória alguma analogia. Em Moscou, no instante em que tomava café, comparou o sorriso de



uma russa de olhos negros com uma amiga da mãe lá em Sertãozinho, D. Paula. Ambas tinham os caninos de ouro. “Grande e estranho é o mundo! lembrei enquanto tomava o meu chá, não é que vim encontrar a dona Paula na Rússia?...” (Telles, 2011, p. 33). A autora vê proximidade no trato do russo com o brasileiro, mais precisamente com o nosso caboclo. Esclarece que não se trata de “Jecas Tatus”, mas de sertanejos fortes como discorreu Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902). A cordialidade dos habitantes de Shangai fez a autora compará-los com nossos baianos. Ao relatar a experiência de um jantar em Moscou, num hotel popular, Lygia menciona Dostoievski, fazendo referência aos seus personagens pobres que comiam assim: “mãos pesadas, as unhas escuras e olhos enfurnados sob sobranceiras densas, brasas vivas ardendo na penumbra” (Telles, 2011, p. 32). Uma chinesinha de rosto lavado, ou seja, sem nenhuma maquiagem, informa à Lygia que as mulheres não se preocupam em se pintar. Acabaram de sair de uma fase terrível, havia outras coisas mais importantes que a vaidade. E a autora, então, vê naquela bela garota a versão chinesa da nossa *Inocência* de Visconde de Taunay, ser tão doce, delicado e puro de nossa Literatura (Telles, 2011). E assim vai se seguindo a escrita da autora, sempre permeada de símiles.

Dessa forma, Lygia nos proporciona não só uma viagem geográfica, mas literária. Em praticamente todos os seus relatos, ela os preenche com alguma citação ou alusão a grandes escritores da literatura brasileira e universal. O olhar de viajante não se separa do olhar escritor. Um simples fato é motivo para se carregar de erudição. A cada parada, a cada conversa, a cada reflexão, lá estão poetas, romancistas, artistas de forma geral a lhe estender a mão.

As literaturas e autores mencionados condizem com os espaços visitados. Em sua rápida estada na Rússia, os nomes de Dostoievski, Maiakovski, Liev Tolstói são citados. Todos escritores russos. Ao chegar a Sibéria, deparando-se com as ruas de chão e casas de madeira, a autora rememorou a estória de Aleksandr Petrovitch, personagem de Dostoievski em sua obra *Recordações da Casa dos Mortos* (1862). Poderia ter sido ali, naquela pequena cidade de Omsky “num soturno presídio atrás de uma muralha” (Telles, 2011, p. 42), que o escritor russo se inspirou para escrever seu livro.

O contato visual de Lygia, portanto, aciona as suas leituras e experiências pessoais naqueles lugares, ainda que sejam vivências imaginárias, vividas nas páginas dos livros. A magia da leitura, nas palavras de Lygia, torna-se uma realidade. Segundo Antonio Dimas (2011, p. 83), “a



imaginação da viajante dispõe de informação suficiente para testar a cidade e reconfigurá-la a partir do cotejo entre o que vê e o que leu, ouviu e imaginou”.

Dessa forma, antes mesmo de fazer sua viagem física, a autora já entrara em contato com muitos lugares que visitou. Em Paris, ela nos confidencia isso: “Vou lendo nas tabuletas os nomes das praças, das ruas e muitas são minhas conhecidas, pois por elas passaram tantas personagens de livros que li desde a adolescência” (Telles, 2011, p. 19). Eis a prova testemunhal da leitura como um passaporte de viagens.

As intertextualidades estão disseminadas na escrita de Lygia de forma intensa. Vários escritores e artistas, em geral, compõem o seu cabedal intertextual. Nas artes plásticas, destaque para os pintores impressionistas do final do século XIX: “E ela não era exatamente uma daquelas rosadas banhistas de Degas ou Renoir, era tão obesa, ah! a feiura do nu feio!” (Telles, 2011, p. 31). Aproveitando o ensejo, ressaltamos que a capa do livro de Lygia traz detalhe da tela *Suculentas berinjelas* (1966) da artista plástica do movimento estético de 1980, Beatriz Milhazes. Na música, aparecem nomes como Dorival Caymmi com sua canção “É doce morrer no mar...”; Tchaikovsky com suas valsas delirantes; e trechos explícitos como esta marcha carnavalesca: “*Chinês come somente uma vez por mês. / Não vai mais a Shangai buscar a Butterfly!...*” (p. 57). Da literatura estrangeira, além dos mencionados, muitos outros nomes aparecem como o da austríaca Vicki Baum, cujos romances Lygia leu na faculdade de Direito; o norte-americano Truman Capote, que a autora tenta ler no avião; o francês Claude Farrère com sua opinião sobre os chineses: “não são nem superiores nem inferiores aos outros povos, são apenas diferentes” (Telles, 2011, p. 50); o ainda francês Marcel Proust com seu *Em busca do tempo perdido*. Da literatura portuguesa, o leque é maior ainda. Logo em seu primeiro texto, aparece o aforisma tão conhecido de Guimarães Rosa: “Viver é perigoso” (Telles, 2011, p. 14). Na última crônica, o derradeiro verso do “Soneto de Natal” de Machado de Assis: “mudaria o Natal ou mudei eu?” (Telles, 2011, p. 73). Em crônica escrita em Omsk, autores brasileiros e portugueses aparecem tanto explícita quanto implicitamente em trechos como:

Lembro Raimundo Correia, a situação não é para poesia mas foi o melhor que me ocorreu: *Se pudesse, o espírito que chora,/ Ver através da máscara da face...* Sim, literatura, mas quando de repente a gente percebe nossa fragilidade assim entregue aos elementos da natureza então é mesmo preciso fazer abstração de tudo para ficar com Antero de Quental: *Na mão de Deus, na sua mão direita/ Descansou, afinal, meu coração...* (Telles, 2011, p. 39).



Vou me sentar ao lado de Alaíde Pereira Nunes que tem a carinha meio assustada da Menina do Narizinho Arrebitado (Telles, 2011, p. 39).

Recorro a Gonçalves Dias: *Não permita Deus que eu morra/ Sem que eu volte para lá/ [...] Sem que ainda aviste a palmeira/ Onde canta o sabiá* (Telles, 2011, p. 40).

A ceia de frios, o café quente e a lembrança mais quente ainda daquela antiga poesia portuguesa me envolveu numa aura de luz, *É pelo sonho que vamos...* (Telles, 2011, p. 40) [referência ao poeta Sebastião da Gama].

Conforme percebemos no último exemplo, há várias citações diretas no corpo do texto, sem que sejam mencionados os autores. Assim, a autora conta com o conhecimento literário do seu leitor para que possa fazer as associações equivalentes. Por exemplo, a célebre comédia de Shakespeare, “a gente pensa que desvendou o mistério destas terras e gentes e descobre que esse é apenas o *Sonho de uma noite de verão*”. (Telles, 2011, p. 68); “Grande e estranho é o mundo” (Telles, 2011, p. 35), título de um livro do Peruano Ciro Alegria, publicado em 1941; “Eis que daqui por diante entramos no reino das palavras ‘em estado de dicionário’, como as classifica o poeta mineiro” (Telles, 2011, p. 23), trata-se de um intertexto com o poema “A procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade.

Disso, podemos afirmar que a viagem de Lygia foram duas: uma real e outra imaginária. Repleta de recordações literárias e também pessoais. A saudade de casa e flashes da infância estão presentes em alguns trechos de sua escrita. A reflexão sobre o seu ofício, ou seja, a metalinguagem também é marca de sua escrita como no fragmento: “com a publicação dessas minhas crônicas e as empanicadas manifestações aéreas será que esse anunciante ia continuar anunciando?!...” (p. 28). Em contato com os escritores chineses, Lygia aproveita a sua literatura para falar da literatura deles. E descobre que não são autores de gabinete. Passam parte de seu tempo em meio aos campos agrícolas para manter o contato com o povo. Isso lhe é uma obrigação. Ouve o homem da terra, suas inquietações, suas privações, lutas e seus sonhos. Também aos governantes é imposta essa vivência de contato com a população. Ao fazerem isso, ao se sensibilizarem pela vida marginalizada, tornar-se-iam mais humanos.

De tudo, porém, a mais magna mensagem dessa linguagem poética de Lygia, carregada de trechos metafóricos como este: “É preciso que este bicho suba depressa e cavalgue as nuvens ao



invés de ser cavalgado por elas” (Telles, 2011, p. 39); é, sem dúvida, a alteridade, a experiência de entrar em contato com o outro. Segundo Rolnik (1992, p.1), a alteridade é

o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogenética.

Lygia experimenta esse contato. Sua visão da China, antes de conhecê-la, era aquela transmitida pelo Ocidente, principalmente através dos cinemas, um país “do ópio, da prostituição e do contrabando” (Telles, 2011, p. 47). Entretanto, seu olhar foi se moldando aos poucos e seus próprios pensamentos vão se transformando. A Nova China estava experimentando esse processo de encontro com o outro. Novas possibilidades de vivências se afluavam e propiciavam a construção de uma nação já, em si, marcada pelo “eu” presente e o “outro” passado. Ao ouvir o discurso de Mao Tsé-tung, a autora guardou o slogan da capital vermelha: “É preciso que o futuro saia do próprio passado, o que significa que é preciso respeitar a Velha China, com a tradição dos seus palácios e pagodes para deles tirar a inspirada sabedoria de cinco mil anos de vida” (Telles, 2011, p. 59).

Um instante em que isso é visível é quando Lygia vê uma senhora de idade de mãos dadas com uma menina de uns quatro anos, provavelmente avó e neta. E ao olhar para aquela senhora e para tantas outras que estiveram em seus olhos nesta viagem, fica a imaginar como foram suas vidas. Aquela mulher, se “nobre tinha obrigação de ter aqueles pés infantis, olhar sempre baixo, voz aguda” (Telles, 2011, p. 71), se do povo, sua condição se reduzia a servidão, uma propriedade da família enquanto solteira, e do marido, quando casada. Seu direito era o de trabalhar intensamente durante todo o dia e suportar no corpo castigos e surras. Nascer mulher significava uma vida de privações, de dores e, conseqüentemente, ainda que inconscientemente, infeliz. Com a Nova China, porém, “noventa por cento das mulheres trabalham agora nas mais variadas atividades” (Telles, 2011, p. 71). “Niveladas” aos homens no que tange aos direitos, se uma mulher da Nova China sentir-se infeliz com o casamento, poderia recorrer ao divórcio, sem o medo do fabuloso dragão de sete cabeças que lhe devoraria caso contrariasse a sua condição de submissa.

O “pé de lótus” foi uma realidade da antiga China, cultura advinda desde a dinastia Sung, antes de Cristo. Quando completassem três anos, as meninas recebiam uma atadura em seus pés que



dobrava os quatro menores dedos até a sola do pé, forçando o calcanhar, ocasionando a quebra de ossos. Um belo pé deveria ter entre sete a dez centímetros. Essa prática durou até 1949, quando foi proclamada a República Popular da China por Mao Tsé-tung. A autora, então, estava ali num país, no qual “a chinesa antiga, aquela que tinha os pés atrofiados, mal podendo se equilibrar nos pés assim infantis era hoje essa velha de mãos dadas com a mocinha de farda, pés grandes e com o apito dependurado no pescoço, aprendendo com o monitor a dirigir o trânsito” (Telles, 2011, p. 49).

A cada cidade, a cada país que Lygia percorreu para chegar à China, ela experimentava um pouquinho da cultura do outro. Encanta-se, por exemplo, com os negros de Dacar: “Creio que os negros de Dacar são os mais belos que já vi: o negrume é puro, sem mistura e tão elegantes nos seus trajes típicos!” (Telles, 2011, p. 17). Já na China, um colorido múltiplo de culturas, proporcionado pelas 72 delegações presentes para os festejos:

É bela a variedade dos trajes dos representantes de cada país: os altos africanos, com ares assim de reis negros, ostentam túnicas e adornos singulares, contrastando na sua simplicidade com os trajes asiáticos, em geral suntuosos, cheios de pedrarias e dourados [...] Ouvem-se em redor as mais variadas línguas. O quadro é de um colorido vivo (Telles, 2011, p. 55).

Mesmo com o distanciamento das línguas, Lygia sente esse contato rico e belo da interação entre múltiplas culturas. Simbiose que forma o ser humano e o lugar onde se vive. Quanto às línguas, a autora cita Sérgio Milliet “que confessava não ter vontade de ir para países de língua estranha porque ficava aflito por não entender o que dizia o homem do botequim, ah! a fala importante do homem que sabe tudo.” (Telles, 2011, p. 29). Mas se o profano é marcado por desentendimentos, no religioso isso não acontece: “O padre dizia a missa em latim, os devotos rezavam em chinês e Helena Silveira e eu em português, perfeito o entendimento entre todos na única linguagem da fé”. (Telles, 2011, p. 61).

Apenas para ilustrar, lemos, nas crônicas de Lygia, vários costumes diferentes: o brasileiro toma muitos banhos, enquanto o francês não; no Brasil maquila-se muito, enquanto na China não; cachorros e gatos são nossos animais de estimação, na China não; os brasileiros gostam mais de café, os chineses de chá...

Normalmente, ao desembarcar em uma cidade, a autora tem o cuidado de fazer uma apresentação dela, a partir de suas observações. Em Omsk, cidade siberiana, ela descreve:



[...] desaviada e rude é uma cidade de fronteira, com as construções de madeira e pedra, as ruas sem asfalto e pelas quais passam as tranquilas caravanas de camelos. É banhada pelos rios Om e Irtich e as especialidades da terra são peles, vários tecidos e cereais mais principalmente as peles, ora, ‘Deus dá coberta a quem tem frio’ (Telles, 2011, p. 41).

Praticamente nada escapa da caneta de Lygia. Cenas grandiosas de interesse coletivo a cenas banais que só teriam algum sentido para ela são postas lado a lado. Ainda em Osmk, a autora relata como fez para costurar dois botões de sua camisa que estavam prestes a cair, solicitando agulha e linha preta de uma mulher robusta de olhos azuis. Ao conversarem, Lygia sentia-se anônima, quem era, de onde veio não era importante. Era como se tivesse acabado de nascer, sem passado nem futuro. Lembrou-se irritada da fala arrogante dos políticos brasileiros: “o senhor sabe com quem está falando?”. Lá na Sibéria, ninguém sabia de nada, nem fazia questão de saber. Deputado, senador, músico, escritor, todos estavam no mesmo patamar.

Engana-se, portanto, quem ler as crônicas de Lygia apenas como relatos de experiências culturais. A criticidade política da autora aparece em lances significativos, ora deixando explícita sua opinião, ora indagando o leitor, levando-o a reflexões.

Ao se deparar com as antigas arquiteturas de Paris, ela se lembra de que, no Brasil, o antigo deve ser demolido. Foi o que aconteceu com vários prédios no Rio de Janeiro, por exemplo, com a Reforma Urbanística do início do século XX. E fala de Ouro Preto a qual resiste às picaretas com suas igrejas e arte barroca que, segundo o cubano Lezama Lima, tem sempre “um anjo a mais” (Telles, 2011, p. 20). Diante do verde de Praga, a autora questiona: “Qual será o prefeito que vai se lembrar de nos oferecer árvores e jardins? E ruas limpas, oh! este *Sonho de uma noite de verão*.” (Telles, 2011, p. 25). E acrescenta, descontentemente, as ilusórias promessas em tempo de eleições, muito delas “surreais”. Bastariam as ruas limpas e com árvores para sombrear os transeuntes.

Em uma das crônicas escritas em Pequim, lemos o trecho abaixo, no qual a autora denuncia a burguesia:

[...] o burguês não gosta de ficar em contato com uma realidade muito real, ele ama o povo mas é preciso que esse povo fique distante, ninguém quer ouvir as descrições que o escritor Lao Shech fez daquela gente faminta e viciada, comprimida nos bairros sem esgoto e sem água corrente” (Telles, 2011, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Por fim, *Passaporte para China* é desses livros que fazem o leitor viajar para lugares tão longínquos que, para muitos, só é possível através da literatura. Com uma linguagem simples, como se estivesse conversando com o leitor, Lygia nos convida a “pegar carona” com sua caneta para, através o mundo, entrar em contato com outras culturas. Se ela teve medo de enfrentar essa viagem? Sim, teve. Mas ela sabe “que o escritor deve encarar o medo para assim poder escrever sobre ele” (Telles, 2011, p. 37).

Possamos nós também enfrentar o medo que nos prende em nossas raízes e, como Lygia, flutuar por lugares desconhecidos. Se as condições da vida não nos permitem uma prática de estrada, iniciemos nossa viagem através da leitura. Para isso não é preciso passaporte nenhum, apenas a sensibilidade que nos faz ser seres humanos. Boa viagem...

REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. Vol. VI. 7.ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- DIMAS, Antonio. Posfácio – Felina China. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Passaporte para a China**: crônicas de viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. III: Modernismo (1922 – Atualidade). São Paulo: Cultrix, 2004.
- NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira**: da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2011.
- PARKER, Philip. **Guia ilustrado Zahar**: história mundial. Trad. Maria Alice Máximo. Rev. Tecn. Flávio Limonci. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ROLNIK, S. **Subjetividade e história**. Trabalho apresentado no Curso de Psicanálise promovido pelo Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1992.
- SCHWANTES, Cíntia. A escrita de mulheres no Brasil contemporâneo. In: OLIVA, Osmar Pereira. (Org.) **Vozes do gênero**: autoria e representações. Montes Claros: Unimontes, 2011.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Passaporte para a China**: crônicas de viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor:** memória e ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Recebido em: 22/09/2025 | Aprovado em: 19/10/2025